

CRESCIMENTO E DESINDUSTRIALIZAÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 10.3.2008

Os jornais estão cheios de notícias agradáveis sobre a economia brasileira. O crescimento do PIB em 2007 foi superior a 5%, a dívida externa financeira zerou, a indústria está crescendo. A ortodoxia convencional conclui desses fatos, primeiro, que a política macroeconômica é correta; segundo, que não existe doença holandesa; terceiro, que afinal voltamos a nos desenvolver de forma sustentada.

Esses são três equívocos: a indústria cresce, mas a economia se desindustrializa devido à doença holandesa não neutralizada, e o equilíbrio das contas externas está novamente sendo perdido.

O crescimento não é consequência da política macroeconômica adotada, mas do enorme aumento das exportações e da política de salário mínimo e do Bolsa Família. Esses dois fatos elevaram respectivamente o mercado externo e interno, contrabalançando o tripé convencional "câmbio apreciado, juro alto e ajuste fiscal frouxo". As exportações foram puxadas pelo aumento dos preços das commodities, enquanto o mercado interno crescia graças a uma política de distribuição.

Nesse quadro, o crescimento industrial ocorre enquanto a doença holandesa se agrava. Não há contradição nessa frase. Afirmar que no Brasil não há doença holandesa quando vemos forte e sustentada apreciação do real sem grande prejuízo para as exportações é o mesmo que dizer que não há aumento das chuvas embora os rios estejam transbordando. O Brasil, graças a seus recursos abundantes e baratos, sempre teve doença holandesa, mas a neutralizava por meio de sistema de tarifas de importação e subsídios à exportação; desde 1990/92, deixou quase inteiramente de neutralizá-la, ocorrendo, em consequência, apreciação efetiva do real. A partir de 2002, a doença se agravou devido à melhoria das relações de troca que viabilizou uma taxa de câmbio ainda mais apreciada sem prejuízo para a exportação das commodities.

A desindustrialização está em marcha, mas é gradual, porque a gravidade da doença holandesa brasileira, medida pela diferença entre a taxa de câmbio que equilibra a conta corrente e a taxa de câmbio necessária para o desenvolvimento industrial, não é tão grande quanto a existente nos países grandes exportadores de petróleo. É gradual também porque tarifas de importação ainda protegem algumas indústrias, não lhes permitindo exportar, mas reservando-lhes o mercado interno. O gráfico confirma o que a teoria prevê. Desde 1990/92, quando deixamos de neutralizar a doença holandesa, a participação no total das exportações dos bens manufaturados e semimanufaturados não pára de cair. A indústria de transformação

naturalmente cresceu nesse período, mas muito menos que a produção de bens básicos, e em grande parte graças ao mercado interno.

Composição das exportações brasileiras – 1990 a 2007

Ano	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
1990-92	100	100	100
1993	90	90	105
1995	88	125	98
1997	102	102	98
1999	92	105	102
2001	100	90	100
2003	108	95	98
2005	109	85	98
2007	120	86	93

Fonte: MDIC/SECEX

E quanto ao "desenvolvimento sustentado"? Estará sustentado enquanto os preços das commodities estiverem altos; enquanto o aumento do déficit em conta corrente não for explosivo, como já é o aumento das importações; e enquanto nossas reservas não começarem a novamente cair.